

A QUESTÃO DE GÊNERO EM PLATÃO: A DIFERENÇA DOS SEXOS

Liliane Nikosky¹

Resumo: A palavra gênero possuía diferentes significados e conceitos para o antigo pensamento grego, se compararmos com nosso modo de pensar contemporâneo. Diferenças essas que permitiram, inclusive homens e mulheres, ser concebidos como espécies distintas. Dessa forma, a concepção de mulher, origem, lugar, função e motivo por estar e existir no mundo, talvez possa ser semelhante para algumas culturas do mundo atualmente, no entanto, muito diferente do que vemos e concebemos hoje na nossa cultura ocidental contemporânea. Duby e Perrot, por meio da obra *História das Mulheres no Ocidente*, exploram em detalhes informações e interpretações sobre esse universo feminino. Platão, em sua obra *Timeu* ou *Da Natureza*, expõe a gênese da mulher e a interpretação de sua condição feminina no mundo, enquanto na obra *A República* inova o papel da mulher em sua cidade ideal, possibilitando a sua emancipação social, política e a mesma educação dos homens, ainda que interpretada sutilmente em uma condição de inferioridade perante eles. Explorando a concepção da mulher no mundo grego antigo, refletimos sobre ela por meio da experiência filosófica, permitindo-nos trazê-la ao conhecimento em nossos dias atuais.

Palavras-chave: Mulher; Gênero; Platão.

*Abstract: The word gender had different meanings and concepts to ancient Greek thought if we compare with our modern way of thinking. Differences including those that allowed men and women are conceived as distinct species. Thus the conception of women, origin, location, function and reason for being and existence in the world, may perhaps be similar to some cultures in the world today, however, very different and conceive of what we see today in our contemporary Western culture. Duby and Perrot through the work *History of Women in the West* explored in detail information and interpretations on this female universe. Plato in his *Timaeus* and *Nature* exposes the genesis of women and their interpretation of womanhood in the world, while in the work *The Republic*, innovates the role of women in his ideal city, enabling their social emancipation, and the same political education of men, although slightly interpreted in a condition of inferiority to them. Exploring the concept of woman in ancient Greek world, reflect on it through the philosophical experience, allowing us to bring it to our present day knowledge.*

Key words: Gender; Women; Plato.

¹ Esse artigo foi apresentado como atividade de avaliação em Unidade de Aprendizagem no curso de Filosofia da Unisul na modalidade a distância. A autora desse artigo formou-se no primeiro semestre de 2012 no referido curso. Endereço de e-mail da autora: <lnikoski@yahoo.com.br>.

1. INTRODUÇÃO

Compreendendo o gênero feminino, seu significado e diversidade histórica, torna fundamental entender o que significa a própria palavra gênero, tanto no pensamento grego antigo quanto na atualidade. Essa compreensão se torna possível por meio de conceitos, comparações, semelhanças e diferenças fundamentais sobre gênero e suas relações com outras palavras, cujas influências determinaram o pensamento filosófico desde a antiguidade.

Abordaremos o gênero em seu conjunto e diversidade, sua relação com a origem ontológica do ser, além de outras relações importantes, por meio de sua exposição como classificação de seres, seu contexto mitológico na antiguidade do pensamento helênico, identificando, a partir desse momento, a diferenciação sexual. Trata-se de explorar, entre outras fontes, as obras platônicas condizentes com o assunto: gênese, justificação, diferenciação, comparação, significado e função da mulher, buscando compreendê-la em seu contexto diante do antigo pensamento grego. Investigam-se também quais as reflexões que foram feitas em relação ao feminino, pela abordagem histórica e cultural da época.

Os autores Georges Duby e Michele Perrot, na obra a ser explorada para elaboração e exploração deste trabalho, “*História das Mulheres no Ocidente*”, no capítulo “*O problema de gênero: objetos de saber*”, fornecem-nos informações dos mais variados assuntos no que diz respeito à mulher na antiguidade grega, bem como em sua abordagem filosófica. *A República*, especialmente no capítulo V, e o *Timeu* ou *Da Natureza*, ambas as obras de Platão, citadas em alguns trechos, nesta obra, justifica a possibilidade de conhecimento sobre esse assunto a ser tratado.

A palavra gênero para os antigos pensadores gregos está atribuída de algumas diferenças entre as concepções e conceitos de sua época e o nosso modo atual de pensar. Entendendo essas diferenças verificamos também a diferenciação que eles faziam entre a concepção de homem e mulher, ainda que ambos pertencessem ao gênero humano. A palavra gênero pode conter muitas interpretações dentro de seu próprio sentido, bem como causar fusão com outras palavras e da quais antigos filósofos, escritores e oradores, seja ou não por meio de produções literárias, manifestaram semelhante concepção, argumentação e reflexão, referente ao feminino. Podemos encontrar em suas ideias e explanações, para dar sentido à existência da mulher, certa articulação e coesão em muitas dessas obras, aparecendo semelhanças e diferenças, mas tam-

bém algumas contradições e até confusões, se levarmos em conta o nosso modo de pensar contemporâneo. Justificações dentro dessa perspectiva serão abordadas em nossa exposição por meio de exemplos, explicações e conceitos.

2. O CONCEITO DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PENSAMENTO HELÊNICO E NA ATUALIDADE

Para entendermos essa diversidade de significados sobre a palavra gênero, tanto do antigo pensamento grego, quanto o nosso pensamento contemporâneo, estudaremos o significado de alguns termos a seguir.

Segundo Pereira (1998), *genos* significa nascimento ou sua condição, tempo ou lugar, origem, descendência, raça, espécie, família, parentela, povo, nação, tribo, sexo, geração ou idade. *Genos* está associado à outra palavra, *gennao*, cujo significado Pereira (1998) define como gerar, dar a luz, produzir, desenvolver e fazer crescer.

Outra palavra também seguindo significado semelhante é *genesis*. Pereira (1998), em sua colocação, afirma que podemos compreendê-lo como causa, origem, princípio da vida, produção, geração, criação, nascimento, ação de tornar-se por oposição a ser, conjunto de seres criados, raça, espécie ou idade. Comparando os termos *genos*, *gennao* e *genesis*, identificamos derivações terminológicas entre eles, apresentando, em muitos casos sentidos, semelhantes ou sinônimos. Nesses termos, encontramos o significado de origem ou geração de alguma coisa ou do próprio ser, de onde ele provém.

Em *genesis*, encontramos a “ação de tornar-se por oposição ao ser”, ou seja, como o ser na medida em que aparece é ou torna-se sua origem, com o movimento, a mudança e a transformação ele deixar-de-ser. Esse ser e deixar-de-ser, aparecer e desaparecer, alternado e contínuo, contraposto é devir. É como um ciclo de germinar, brotar, crescer, desenvolver, declinar e desaparecer, até aparecer novamente. Vela-se e mostra-se. Novamente vela-se e revela-se. Um e todo, unidade e multiplicidade. Esse todo em seu conjunto de seres aparecendo simultaneamente dá sentido ao mundo. Então, verificamos a identidade entre ser e aparecer. Não entendemos aqui aparência como superficialidade, mas o próprio modo e condição que o próprio ser se manifesta.

Portanto, *genos* para o pensamento grego antigo, demonstra como o ser aparece no mundo, apresentando um modo ou forma própria e que ao se revelar mostra também como se articula e estabelece pelo seu devir, crescimento e desenvolvimento e declínio.

Genesis procura demonstrar e explicar a realidade em que o ser aparece e está no mundo em seu dizer e pensar que simultaneamente o desvela enquanto origem, de onde veio (lugar), quando veio (tempo) e porque é assim (modo, forma). Portanto, *genesis* está no mito.

Se pensarmos no todo em seu conjunto e seres aparecendo simultaneamente para dar sentido ao mundo, associamos *genos* com *gígnomai*, que Pereira (1998) também define-se como: fazer-se ser, chegar a ser, nascer, ter lugar, produzir, suceder, sair, passar, chegar, vir, pertencer a , ser de, tornar-se; tendo ligação com *gignósko* , infinitivo do verbo conhecer em grego. *Gignósko* admite, além de identificar a simultaneidade entre ser e aparecer, que esse ser é passível de conhecimento, à medida em que ele se manifesta, permitindo conhecê-lo. Por meio do conhecimento, entendemos que *genos* pode estar no mito, na palavra, no pensamento filosófico e na produção literária, para entender a origem e princípio de todas as coisas.

Outro sentido que se encontra de *genos* é de agrupamento, caracterização e constituição dos indivíduos (descendência, espécie, raça, família, parentesco, povo, nação, tribo). Esse sentido está mais próximo de nós contemporâneos, no entanto, possui diferenças. Mas antes vamos realizar uma abordagem do conceito de gênero para a nossa atualidade.

Segundo Ferreira (1993), gênero é um conjunto de espécies que apresenta certo número de caracteres comuns ou uma classe, ordem ou qualidade, também um modo ou estilo e em gramática é a propriedade que tem certas classes de palavras de se flexionar para indicar o sexo. E ainda, Ferreira (1993), gênese é uma formação de seres desde uma origem, uma geração ou formação.

Em sociologia, gênero indica questões de identificação social em relação a sexo e em biologia é uma unidade de taxonomia (classificação de organismos vivos), que agrupa um conjunto de espécies.

Gênero, para nós, pode indicar, caracterizar, ordenar, classificar, especificar, distinguir, juntar, separar, entre outras atribuições. É um modo de ser de algo específico mas que necessariamente não está ligado à origem ontológica desse ser, como faziam os antigos gregos, porém, como gênese pode indicar origem ou forma para identificar, classificar e conceituar as coisas de uma forma específica, dando-lhe atribuições. É uma origem modal, formal, já preconcebida e formulada por um outro objeto ou conceito.

Classificar e ordenar são os elementos mais distintos para a concepção moderna de gênero, seja na biologia, sociologia ou demais ciências. Como classificação e ordenamento se assemelha ao outro sentido de gênero antigo.

Para entender melhor essas concepções diferentes e como identificar essas diferenças, introduziremos mais uma palavra importante e seu conceito para estudar melhor a questão do gênero, que seria ideia ou *eidos* no antigo pensamento grego.

Segundo Pereira (1998), *eidos* quer dizer um aspecto exterior, forma ou figura. Pode ser também forma mental, ideia ou conceito. Indica classe, gênero ou modo de ser, uma maneira, método.

Eidos para o grego é uma forma de ser e sua manifestação, tal coisa é a medida em que se mostra. É o próprio ser manifestando o seu aspecto, se nos aparece como imaginação em nosso pensamento ou forma, fenômeno, material ou imaterial, ou seja, de maneiras distintas, entre o que existe em nossa imaginação ou concreto no mundo, o ser não perde seus atributos, está presente, é *eidos*.

Como origem, identificação ou classificação das coisas, torna-se sinônimo de *genos*. Assim como o ser que se revela é possível conhecê-lo, seja em nossa imaginação, tanto nas coisas materiais quanto imateriais do mundo. Nesta linha de pensamento, Duby e Perrot (1990, p.91), sobre o conceito de ideia no pensamento platônico expõe:

Eidos significa, em primeiro lugar, forma. Forma visível na língua arcaica, mas forma inteligível na tradição dos filósofos: as ideias de Platão são *eide* perceptíveis a um outro olhar, o da inteligência, graças ao exercício da palavra dialéctica. Quanto a *genos*, é uma noção extremamente complexa, que significa nascimento, estirpe, linhagem, ou raça, numa palavra, grupo que se reproduz. As duas noções distinguem-se e opõem-se mas também se confundem.

Para a antiguidade grega, *eide* está em simultaneidade entre ser e aparecer. O ser pode apresentar uma multiplicidade de formas. Ao ser, esse modo ou forma é o próprio reflexo de sua manifestação. É a própria coisa à medida em que nos aparece, tanto por meio de pensamentos quanto palavras (*logos*). Seu desvelamento é o próprio falar de si, a identidade entre esse ser que aí se apresenta e torna-se possível dizê-lo, a palavra é sua própria manifestação. Em contrapartida, veremos o conceito de ideia por meio de nosso modo contemporâneo de pensar, segundo Ferreira (1993): ideia é representação de coisa concreta ou abstrata. Pode ser um projeto ou plano, criação, opinião, conceito, mente, pensamento ou lembrança.

Ideia como forma ou modo de ser de alguma coisa não nos parece estranho. A diferença está no antigo conceito de pensamento grego e o nosso por uma questão estrutural. Enquanto *eidōs* e *genos* estão ligados ontologicamente ao ser e seus aspectos para os antigos pensadores gregos, para nós, contemporâneos, temos a concepção de ideia como representação. Verificamos as expressões “mente que representa”, “coisa concreta ou abstrata”. Separamos o ser e a ideia, tal qual o ser passa a ser um elemento e sua ideia a respeito outro elemento, ou seja, temos aqui dois elementos ou duas coisas. Assim flexionamos o ser ao duplicá-lo nessa colocação. Mas perguntamos: então, como relacionamos essas duas coisas distintas e, portanto, separadas? Criou-se um conceito de mediação, uma vez que ao separarmos esses elementos usamos a expressão “uma coisa é a ideia que fazemos de algo, outra coisa é este algo propriamente dito”. Essa mediação é imagem, símbolo ou representação. Assim, nós, contemporâneos, separamos nosso conhecimento em sujeito e objeto e nesta cisão de mundo entre seres, coisas e ideias que se encontram separados, só podemos relacioná-los mediante nosso conhecimento.

A partir desta compreensão e distinção, poderemos analisar gênero como classificação, para o pensamento grego antigo e o nosso pensamento ocidental moderno.

Para nós, gênero, é um conjunto de espécies com características próprias e semelhantes, que assim se consiste por ordenação e classificação, formando seus agrupamentos.

No entanto, para o pensador grego da antiguidade é possível um mesmo gênero gerar duas espécies diferentes. Para eles, a origem e a forma dos seres no mundo, tal qual eles aparecem como são, podem ser explicadas pelos mitos e deuses, influenciando-os em sua diversidade e produção literária, cultural, artística e filosófica, diferente de nós, que utilizaríamos os recursos da ciência, suas hipóteses e formas empíricas, para as mesmas explicações.

Conforme DUBY e PERROT (1990, p. 86): “Tomar um *genos* e dividi-los em dois é uma operação que permite obter dois *eidōs*, mas também dois *genos*”. Sexo para a antiguidade grega não seria diferenciação ou característica para uma mesma espécie. Os dois sexos, um e outro, cada um é capaz de gerar espécies diferentes, e, portanto homens e mulheres podem pertencer a diferentes espécies.

Parece uma visão bastante controversa para nós contemporâneos, uma vez que o conceito de gênero apresentou ao longo da história em diversas áreas do saber conotações bem diferentes. DUBY e PERROT (1990, p. 89) explicam-nos sobre essa questão e o nosso modo de compreender contemporâneos:

Na linguagem das ciências contemporâneas é proibido afirmar que o masculino e o feminino correspondem a uma espécie, porque a espécie se define pela capacidade de reproduzir indivíduos que, pela sua dupla origem, nunca são duplicação de seus pais.[...] determinação sexual[...] nada tem haver com a identidade da espécie.[...] noção de espécie *implica* doravante, como o seu próprio fundamento, a possibilidade de reprodução[...].

Reprodução é de fato o que possibilita o aparecimento da espécie. Homem e mulher não se reproduzem sozinhos. É da união dos dois que ocorre a reprodução de forma natural, não se criam “cópias” de seus progenitores, ainda que de gêneros distintos (macho e fêmea). Sexo não tem nada a ver com a identidade da espécie. A forma para cada indivíduo de espécie é determinada e sempre será a mesma, fato o distingue dos demais (outras espécies).

Portanto, para nós, essa divisão de gênero em espécie masculino e espécie feminino não é viável ou coerente ao nosso entendimento. Espécie é um conjunto formado de elementos com características próprias que definem o gênero. Essa é a diferença da nossa forma “científica” de pensar para com o pensamento da antiguidade grega. Há características em comum que permitem na espécie ordenação e classificação por meio de princípios e critérios que se apresentam em seu próprio conjunto. Ex.: Capacidade de reprodução (que em certos casos independe de ser sexuado ou não, inclusive, como o exemplo dos microorganismos).

Segundo o nosso conceito de gênese, os seres, os indivíduos, aparecem no mundo de uma certa maneira, forma que é justificada por sua origem. Pelo exemplo dado, a reprodução que é uma forma predeterminada geneticamente e por isso embasada, explicada empiricamente, por meio de experimentos, descobertas e teorias científicas modernas e contemporâneas.

Devido à concepção grega de *genos* associada à diferenciação de espécies que acabamos de citar, é possível explicar a condição feminina e sua oposição ao masculino, o que, para o pensamento na antiguidade grega, não causava confusão, como expõe Duby e Perrot (1990, p. 92):

Com a dicotomia, não se pode saber qual é o grau de autonomia das duas ‘partes’ relativamente ao todo, que é ele próprio cortado em dois. A definição de cada parte se faz necessariamente pelo *genos*, mais a determinação dicotômica. Mulher = a ser humano no feminino, sendo o feminino contrário do masculino. As mulheres são simultaneamente uma parte do gênero humano e uma forma oposta à forma masculina. Parte de um todo é certo, mas também parte contrária a uma parte. [...] macho e fêmea dividindo ‘segundo as espécies’. Só encontrando a sua diferença específica se pode definir a natureza de um e outro gênero.

Entendemos aqui que o *genos* participa do ser, mas ainda que dele participe, pode manifestar modos e formas distintos. Mulher (*gýne*), fêmea e homem (*âner*), macho, fazem parte do *genos ánthrophos* (humano), no entanto, são de espécies diferentes, determinados por características próprias, que permitem assim serem concebidos distintamente.

3. GÊNERO E MITO NA LITERATURA GREGA

Segundo Duby e Perrot (1990, p. 96): “É a *genesis* que define literalmente o *genos*.” Completando essa oração, como já dissemos, pela *genesis* se produz o mito.

Durante todo o período grego da antiguidade, em muitas genealogias, mitos, tradições orais, assim como diversas manifestações literárias da época grega antiga que falam da origem da mulher, demonstram como se elas aparecerem por si próprias, homogêneas, a formar um *genos*, uma geração por si próprias, mas como fraqueza, imperfeição, queda dos homens, desgraça do mundo em todas as suas causas e consequências. Como exemplo, Duby e Perrot (1990, p. 97), explicitam tais características que se encontram no mito helênico:

Remontando na tradição, a versão mais mítica da origem das mulheres é inteiramente construída sobre este mesmo raciocínio. No princípio, os mortais, os homens, *ánthropoi*, viviam com os Imortais, os deuses nascidos da Terra e do Céu, divididos em linhagens paralelas e, por vezes em conflito. Os filhos de Cronos, que Zeus substituíra como pai, os descendentes de Urano, chamados Titãs, e os homens que já se encontravam marcados pela morte, todos conviviam, frequentavam os mesmos lugares, comiam juntos. Estes diferentes gêneros de seres – uns imortais e outros mortais – formavam portanto uma sociedade homogênea em que a felicidade reinava sem reservas. Mas um dia dá-se o acidente. Um dos deuses, Prometeu filho de um Titã, teve a idéia súbita de trocar de Zeus quando da partilha de um boi destinado a um banquete comum. Em vez de cortar o animal segundo as regras, separa os bons bocados dos ossos e da gordura, esconde as partes menos nobres e os restos debaixo da gordura, e oferece esse feixe de ossos ao próprio Zeus. O grande deus, já então soberano do povo olímpico, não apreciou a brincadeira do primo. Pressentiu o engano e vingou-se. Retirou o fogo. Estranha represália que devia visar um deus – pois Prometeu é um deus – mas que, na realidade, atinge infelizes que não têm no caso culpa alguma. Os homens começam assim a ser penalizados por causa de um gesto gratuito e inopinado de um primo de Zeus, porquanto o fogo lhes é indispensável para se alimentarem. Prometeu consegue reaver então o precioso instrumento de cozedura e, dado que reaver é roubar, Zeus irrita-se novamente. Desta vez decide dar aos homens, como contrapartida do fogo, um mal: a mulher. Os deuses modelam uma criatura artificial, que dará origem ao *genos* das mulheres, destinada a instalar-se e a habitar entre os homens a avidez do desejo, o fim do contentamento e a auto-suficiência. Uma outra variante da mesma narrativa vem definir melhor a imagem da idéia, dizendo que a primeira mulher se chama Pandora, e que traz consigo uma boceta fechada de onde deixará estupidamente escapar todos os males que pesam sobre os homens.

Verificamos que esse mito permite uma explicação à origem da mulher como um ser totalmente distinto do homem e ainda com uma condição pior, veio ao mundo para prejudicá-lo, torná-lo insatisfeito e infeliz. A mulher é um ser que, vindo totalmente separada do homem, é independente no mundo, com características, funções, sujeições e destinos próprios. Enfim, ser mulher é um péssimo acidente e um castigo. Sendo, então, que *genos* e *eide*, por vezes distintos e por vezes sinônimos, justifica a distinção pela mulher ser de origem e natureza distinta do homem, no entanto, a semelhança do outro (o homem, sexo masculino) por pertencer a natureza humana, ainda que com características diferentes desse. O mito consegue reforçar e perceber os efeitos sobre essas concepções que parecem estranhas a nós. Segundo Duby e Perrot (1990, p.101), assim pode-se justificar uma série de definições e teorias a respeito das mulheres, assim como de sua própria “espécie”:

Um *genos* compreende, portanto, dois sexos, mas uma única forma, o que equivale a dizer que os dois sexos permitem a transmissão de uma forma, de um *eidos* único. Dois sexos para um gênero, dois sexos para uma forma. É evidente que se houvesse apenas um sexo, tudo seria mais simples; a geração seria uma transmissão linear de identidade de um indivíduo para outro, e não se levantaria o problema de situar conceptualmente a diferença sexual.[...] Um *genos* uma linhagem de machos ou fêmeas capazes de se perpetuar, por milagre.

O mito acaba sendo uma forma de “saída” ou justificativa, para a origem da mulher e sua inferioridade, seja ontológica ou genealógica e, portanto, filosófica. A produção dessas formas de concepção vinda de longo tempo por tradição foi uma tentativa de explicar e compreender seu aparecimento, existência e dar-lhe sentido, pois muito provavelmente argumentos e respostas não poderiam ser dados pela anatomia ou medicina da época e tão pouco pelo pensamento filosófico, uma vez que não dariam conta do fato ou situação apresentada. Desse modo, o mito pode pressupor o aparecimento da mulher e seu ser no mundo, como ela está nesse mundo, qual a sua função e pelo qual motivo veio (*genesis*).

Segundo Barros (1997, p.52), o mito para o pensamento grego é totalmente passível de compreensão e justificação aceitável ao mundo e todas as coisas nele presentes:

Na visão mítica, a vida é sentida como um todo contínuo, sem rupturas; os limites entre as esferas são superáveis, móveis e oscilantes; não existindo diferença específica entre os diversos reinos da vida, por meio de uma súbita metamorfose qualquer ser (ou coisa) pode converter-se em outro (ou em outra coisa).

Essa mesma exposição e modo de pensar foram apropriados por boa parte da literatura helênica da antiguidade e demais saberes da época, assim como a filosofia desse mesmo período, entre elas, a filosofia platônica, cujas concepções aparecem contextualizadas em sua obra *Timeu* ou *Da Natureza*, quando se trata de expor sua genealogia do mundo e de todas as coisas.

4. GÊNERO E DIFERENÇA DOS SEXOS EM PLATÃO

Platão não expõe sua questão referente à mulher muito diferente do que se propõem os mitos de sua época, no entanto, em suas obras, como já dissemos, verificamos, em muitos casos, que há apropriação dessas características mitológicas em suas obras, bastante explícitas no *Timeu*, cuja obra trata da gênese da mulher e sua explicação de estar no mundo e sua função. Na *República*, Platão propõe em sua cidade ideal, a mulher com função e lugar próprios semelhante a dos homens, mas sem tanta autonomia, se comparando as funções masculinas, o que não poderíamos afirmar com exatidão a existência de uma igualdade de sexos. Através do *Timeu*, por se tratar da gênese e função biológicas femininas, e seu ordenamento no mundo, a *República* por ser uma obra onde se trata de inserção social e política de seus cidadãos, possibilita fazer breves considerações sobre a mulher no mundo helênico da antiguidade. Trataremos de comparar e contextualizar certas situações a seguir. na obra *Timeu* ou *Da Natureza*.

4.1 TIMEU OU DA NATUREZA: MITO E ORIGEM DA MULHER

O *Timeu* ou *Da Natureza* é uma obra de Platão que trata da origem do mundo e de todos os seres que nele existem. Inclui-se aqui também a do homem e, por consequência, a da mulher. O ser humano é dual em sua natureza (corpo e alma). Após explicar a formação do mundo e seus elementos, Platão ([2012] p. 39) explica a formação da estrutura física do homem e como ela está relacionada com sua parte espiritual:

Ligaron el género mortal del alma al tronco y al así llamado tórax. Puesto que una parte del alma mortal es por naturaleza mejor y outra peor, volvieron a dividir la cavidad del tórax y la separaron con el diafragma colocado em el médio, tal como se hace com las habitaciones de las mujeres y los hombres.

Segundo Platão, a alma está ligada ao corpo pelo tórax. Ele não usou a expressão “dos seres humanos”, no lugar de homens e mulheres, por exemplo. Observa-se aqui, pelo seu pensamento, que homens e mulheres, apesar de fazerem parte do gênero humano, são distintos e, portanto de espécies diferentes.

Afirmou Platão ([2012] p. 44) também que a existência dos homens antecede às mulheres, dos quais poderiam reencarnar como mulheres ou como outros animais: “Como los que nos construyeron sabían que en alguna oportunidad de los hombres iban a nacer las mujeres y lãs restantes bestias [...]”.

Verificamos aqui a mulher em uma condição de existência inferior ao homem. No seu plano de criação, a mulher é um dos seres que aparecem em último lugar, ou seja, ele só vem tratar das mulheres no final de sua obra, onde por tais razões ressalta a superioridade do homem (*âner*) sobre a mulher (*gyné*) em uma justificação nada favorável a elas, demonstrando quase toda síntese de seu pensamento. Para Platão ([2012], p.54), nascer mulher significa uma punição:

Todos los varones cobardes y que llevaron una vida injusta, según el discurso probable, cambiaron a mujeres en la segunda encarnación. En ese momento, los dioses crearon el amor a la copulación [...] Por ello, las partes pudendas de los hombres, al ser desobedientes e independientes, como un animal que no escucha a la razón, intentan dominarlo todo a causa de sus deseos apasionados. Los así llamados úteros y matrices en las mujeres[...] hasta que el deseo de uno y el amor de otro, como si recogieran un fruto de los árboles, los reúnen y, después de plantar en el útero como en tierra fértil animales invisibles por su pequeñez e informes y de separar a los amantes nuevamente, crían a aquéllos en el interior, y, tras hacerlos salir más tarde a la luz, cumplen la generación de los seres vivientes. Así surgieron, entonces, las mujeres y toda la especie femenina.[...] La especie terrestre y bestial nació de los que no practicaban en absoluto la filosofía ni observaban nada de la naturaleza celeste porque ya no utilizaban las revoluciones que se encuentran en la cabeza, sino que tenían como gobernantes a las partes del alma que anidan en el tronco.[...] Por esta razón nació el género de los cuadrúpedos y el de pies múltiples, cuando dios dio más puntos de apoyo a los más insensatos, para arrastrarlos más hacia la tierra. A los más torpes entre éstos, que inclinaban todo el cuerpo hacia la tierra, como ya no tenían ninguna necesidad de pies los engendraron sin pies y arrastrándose sobre el suelo. La cuarta especie, la acuática, nació de los más carentes de inteligencia y más ignorantes; a los que quienes transformaban a los hombres no consideraron ni siquiera dignos de aire puro, porque eran impuros en su alma a causa del absoluto desorden, sino que los empujaron a respirar agua turbia y profunda en vez de aire suave y puro. Así nació la raza de los peces, los moluscos y los animales acuáticos en general, que recibieron los habitáculos extremos como castigo por su extrema ignorancia. De esta manera, todos los animales, entonces y ahora, se convierten unos en otros y se transforman según la pérdida o adquisición de inteligencia o demencia.

Tais homens, por serem covardes, apresentando comportamentos bestiais e que não praticaram a filosofia, são condenados a esse destino: nascerem bestas ou mulheres, assim elas surgiram. Não bastasse sua vinda ao mundo e sua existência ser um castigo, sua constituição sexual, seu aparelho reprodutor são indícios de degradação. A elas é dada a maldição das gerações e a ilegitimidade do amor, culpada pelas insatisfações sexuais do homem e sua concupiscência. De certa forma, a maldição, feito carne feminina ao mundo, pode se reproduzir distintamente em outra espécie de humano: as mulheres e junto com elas todas as demais espécies de animais, cujo castigo para homens indignos, ignorantes e dementes era nascer nesses animais tão análogo como nascerem mulheres. Entendemos, por meio dessa explicação, que as mulheres em sua espécie são de fato “homens degenerados e imperfeitos”, uma mutação degenerativa, justificando que o amor e a existência perfeita por excelência é genuinamente masculina, dos que os homens (*âner*) são os exemplares autênticos do gênero humano (*genos ánthropos*) original. A origem humana é monosssexual, pois, *a priori*, existiam os *andres*, homens, cuja origem é o sexo masculino.

Esclarecendo também a propósito do mito do aparecimento da mulher, Duby e Perrot (1990, p. 97) esclarecem também esta questão:

As almas dos machos que se haviam demonstrado covardes reencarnavam, depois de sua morte, num corpo diferente, um corpo de mulher. Do mesmo modo, todas as outras grandes famílias de animais, quadrúpedes, pássaros, répteis, corresponderiam a outros tantos resultados da metensomatose. Os homens pesados e desinteressados a verdade reencontrar-se-iam num corpo bovino e orientados para baixo; os idiotas de espírito leve teriam dado origem as aves, os brutos aos répteis totalmente esmagados no solo[...] Platão situa o aparecimento da diferença sexual no momento em que na história do homem, se quebra uma perfeição original. Um genos novo vem então corporizar esta imperfeição.[...] o gênero das mulheres traz aos homens a avidez do desejo, o fim do contentamento e da autossuficiência.

A condição feminina, nesse sentido, estava fadada à condição, à degradação e à maldição do ato de conceber, gerar e dar a luz, semelhante ao ato de um pecado original. Segundo Barros (1997, p. 49), “a primeira reencarnação, a mulher é gerada para acolher a alma do homem que se degradou. Rigorosamente falando, se o homem não conhecesse a queda, a diferenciação sexual não se daria e toda população do mundo seria masculina”.

Alma, virilidade, força e perfeição e outros atributos qualitativos do *âner* original, estavam, portanto, fadados à imperfeição como uma maldição: as mulheres. Há toda uma força

para sustentar e articular essa afirmação para justificar a origem das mulheres, seu estar no mundo e seu destino. Duby e Perrot (1990, p. 110) afirmam:

alma e movimento de um lado, corpo matéria e passividade do outro. A problemática do gênero, o esforço para definir a diferença sexual como variante quantitativamente mensurável no interior de um conceito de genos em que a reprodução e a unicidade morfológica permanecem compatíveis, leva ao sistema de dicotomias tais que o feminino ocupa o lugar do negativo, da alteração, do defeito.

Verificando todo esse desprezo ao caráter psicológico e biológico feminino, podemos ressaltar, a partir deste momento, alguns aspectos da sexualidade feminina grega na antiguidade, que, de certa forma, influenciou o pensamento helênico na antiguidade.

Segundo o direito ático, há uma distinção completa entre o que é reservado à mulher “direita” e o da mulher de “vida livre” ou adúltera. Escravas, metecas (estrangeiras) e adúlteras eram proibidas de frequentar os templos. Mulheres de família, particularmente esposas, limitavam sua sexualidade apenas para fins de procriação, não podiam sequer imaginar em sentir prazer, e nessa possibilidade de existência e descoberta, sensação ou sentimento, estavam inibidas de conhecê-lo e ao seu próprio corpo, devendo disfarçá-lo ou sucumbi-lo como obrigação moral de uma mulher honesta e direita, com penalidade de desprezo ou repúdio, de todas as formas. A mulher por si própria não tinha o direito de sua própria sexualidade, conforme a exposição de Barros (1997, p. 43), “na verdade, a mulher no papel de esposa, não tem o direito ao prazer carnal, que é associado à figura da hetaira, da prostituta *et allil*, não há espaço para este tipo e experiência”.

Tal prazer só era reservado unicamente e explicado como parte da natureza dos homens e não das mulheres, principalmente entre si, o que, muitas vezes, era justificado na literatura grega que, segundo Barros (1997, p. 42), era plenamente aceitável: “as evidências que são claras quanto o amor homossexual, são quase inexistentes no que toca ao amor heterossexual”. Quando existem são muito raras as exceções. Ainda Barros (1997, p. 43) reforça: “os gregos realmente não mostraram interesse cultural pela vida afetiva e pela sexualidade da mulher (e não nos esqueçamos de que a lírica amorosa de Lesbos tem sua maior expressão em uma mulher – Safo)”.

Enquanto a mulher casada e honesta era legitimada pelo *oikos*, o casamento se mantinha seguro e estável, fora desse espaço ela era ainda mais diminuída e inferior. A vida de uma

cortesã ou prostituta estava sempre em situação de perigo e marginalidade, ou melhor, de experimentar (*ex periri ens*), sob essa margem a insegurança, excluída do direito e suas leis, puro objeto de comércio sexual. Segundo Barros (1997, p. 43), ainda sobre a sexualidade feminina no pensamento platônico afirma:

Platão nega a sexualidade da mulher, ao fazê-la igual ao homem e ao excluir o prazer da relação sexual, considerando-a apenas para fins estatais da procriação. Aliás, como ele iria valorizar o sexo por si, se na escala dos prazeres, o prazer associado ao gozo erótico suscita a parte apetitiva da alma, que deve sujeitar-se sempre à parte racional dela?

Essa questão irá aparecer também mais propriamente na formação da comunidade de homens e mulheres na *República* de Platão. Semelhantes concepções aparecem de forma mais “camuflada” e estratégica nessa obra, como veremos em seguida. O problema da sexualidade, principalmente envolvendo a mulher, ainda que escasso em suas obras, quando aparece é complexo, dentro da exposição platônica.

4.2 A MULHER NA *REPÚBLICA* DE PLATÃO

Na *República* aborda-se a formação do estado por meio da justiça, indissociada da formação do homem com o mundo. O *homem-polis* é visto como um todo dentro desse estado ideal, onde a genealogia, constituição, sustentação são descritas, concebidas e conceituadas pelo filósofo, que só pode ocorrer se houver um plano de educação para seus cidadãos. Entre os cidadãos, a função e formação mais importante são para os guardiões da cidade, tendo esses prioridades nesse plano de educação, devendo moldar e fortalecer suas virtudes para que possam assim constituir, defender e manter a cidade mais forte e estável possível. Dentro desse plano de educação, o autor sugere que os legisladores dessa cidade estimulem uma vida comunitária entre seus iguais. O que Platão realizará nesta obra é uma desconstrução dos padrões de uma instituição até então estabelecida para depois reinstituí-la ao seu modo e estabelecer o controle social para sua cidade ideal.

Em sua inovação referente à mulher, procura, nesse plano, englobar homens e mulheres, com igualdade de funções e formação educacional. A preocupação aqui não diz respeito à particularidade de cada um, mas no que diz respeito à manutenção da cidade ideal, segundo Platão (1965, p. 8-9): “[...] homens [...] mulheres [...] tentamos convertê-los [...] nos guardiões

R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 46-68, jul./dez. 2017.

de um rebanho. [...] Se exigimos das mulheres os mesmos serviços que dos homens, deveremos formá-las nas mesmas disciplinas”.

Portanto, homens e mulheres terão a possibilidade de ser guardiães para defender a cidade, sem distinções entre si. Mesmo admitindo a fragilidade física das mulheres perante os homens, bem como a diferença entre o homem fecundar e a mulher a dar a luz, o autor da cidade ideal não identificou, nessas questões, nenhum problema que afete a formação de sua comunidade, afirma Platão (1965, p. 13): “[...] se a diferença consiste somente em a fêmea conceber e o macho engendrar, nem por isso aceitaremos que a mulher difere do homem [...] os guardiães e sua mulheres devem desempenhar os mesmos empregos”.

Na *República*, segundo Barros (1997, p. 53): ”ao privilegiar o ser humano enquanto ser primeiramente político, independente de sexo, abre para a mulher a possibilidade de ultrapassar os limites do *oikos* (casa) e de instalar-se no espaço público da cidade”. Até esse momento em que observamos esses trechos não percebemos nenhuma discriminação entre homens e mulheres.

Mas a despeito da aparente e inovadora igualdade entre os sexos presentes nesse trecho da *República*, surge um problema: como sujeitos de naturezas diferentes poderiam exercer as mesmas funções? Por mais que se procure homogeneidade e certa presunção de igualdade, a diferenciação começa a aparecer. A “natureza” das mulheres não possui ocupações e labores tão grandiosos ou de maior responsabilidade como a dos homens, ou seja, ocupam-se daquelas atividades as quais devem ser lembradas, essas, das mulheres comuns daqueles tempos, encerrava-se no *oikos* e que ao contrário, em tudo mais os homens são genuinamente os únicos a praticar tais condutas e ofícios, senão melhores e superiores em tudo, segundo Platão (1965, p. 14): ”[...] conheces alguma ocupação em que os homens não superem as mulheres [...] a tecelagem, a pastelaria e a cozinha [...] inferioridade delas é ridícula [...]”.

Mas o autor, Platão (1965, p. 14) volta a ressaltar ainda que ausente de grandes ofícios e ocupações, expondo seus elogios à qualidade e “superioridade doméstica” das mulheres, sendo quase as únicas atividades naqueles tempos existentes para elas, mesmo não tão melhores que os homens, a igualdade de funções entre os dois sexos é possível no que diz respeito à guarda da cidade:

[...] não há emprego concernente à administração da cidade que pertença à mulher enquanto mulher, ou ao homem enquanto homem; ao contrário, as aptidões naturais se distribuem igualmente entre os dois sexos, e conforme a natureza que a mulher, tanto

quanto ao homem, participe de todos os empregos, ainda que seja mais fraca do que o homem.

Duby e Perrot (1990, p. 116-7) fazem também essa observação sobre a contraditória exaltação no que diz respeito aos ofícios femininos:

[...] a cidade ideal aposta nas aptidões não específicas das mulheres. E é partindo do desprezo pelos talentos e pela excelência tradicionalmente femininos – tecelagem e cozinha- o que é ridículo – que o filósofo confia nas virtudes guerreiras das fêmeas dos guardiães, esse seres vivos dotados de qualidades etológicas comparáveis a das cadelas. Esses seres que, segundo a antropogonia do Timeu, devem o seu aparecimento na terra à covardia de alguns dos primeiros homens, esses seres que são a própria encarnação da pusilanimidade humana, não poderiam acender ao mundo da guerra e da coragem, viril por definição, senão por analogia com os animais. [...] Pouco ousadas por natureza, por falta de uma audácia que as constitui tais como são as mulheres receberão desde a mais tenra idade uma educação, uma verdadeira domesticação que, compensando o seu defeito inato, lhes permitirá prestações menos brilhantes e gloriosas que a dos “andres.

A vida da mulher na antiguidade helênica é bastante diferente da proposta do autor, e ainda sim não se torna excluída de sua condição de inferioridade. Tal característica sobrevivia em comum para a maior parte das mulheres helênicas da antiguidade. Sobre a mulher grega, Barros (1997, p. 15) expõe suas características em relação aos homens:

A diferença básica entre o homem e a mulher está na força: mais frágil, tímida, a mulher cuida do lar; mais resistente, o homem traz do campos recursos para o lar. Há serviços de mulher e serviço de homem, porque há serviços próprios para um e outro. A convicção de que a mulher, mais afetiva ou apta para externar afeição á criança, é por natureza, adequada à maternidade, acentua a separação espacial e funcional entre ambos.

Para a mulher comum e mais especialmente criada em um ambiente familiar se espera, que ela passe de um lar a outro. Solteira sai da casa dos pais, sujeita à autoridade paterna ou outra masculina, sendo transferida para seu esposo ou senhor, cujas virtudes, segundo Barros (1997, p. 35), seriam: “econômica e produtiva, asseada e hábil no trabalho, silenciosa, discreta e bela, capaz de gerar filhos, dócil e fiel, a mulher modelo vive no interior da casa [...] Casada só deve falar ao marido e pelo marido [...]”.

Durante a descrição da formação dessa comunidade de fato, deveremos fazer também outra observação: para os gregos só havia igualdade e democracia para os cidadãos do sexo masculino, adultos, gregos natos, aristocráticos, portanto, livres, únicos, a serem considerados cidadãos. A atitude para a formação do estado ideal não é uma democracia universal e sim R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 46-68, jul./dez. 2017.

aristocrática, ou seja, de seus melhores indivíduos e, nesse caso, dos melhores guardiões. Portanto, há diferenças específicas para a classe de pessoas que constituem a cidade. Trata-se da formação e educação dos melhores, ou seja, da aristocracia, de uma cidade ideal para elite, conforme o autor da *República*, Platão (1965, p. 21) com procedimentos próprios para manter-se em sua posição e tornar favorável a formação da classe de guardiões e, conseqüentemente, a manutenção da cidade:

É preciso, segundo os nossos princípios, tornar muito frequentes as relações entre os homens e as mulheres de escol e, ao contrário muito raras entre os indivíduos inferiores de um e de outro sexo; ademais, é preciso criar os filhos dos primeiros e não os dos segundos se quisermos que o rebanho atinja a mais alta perfeição”. [...] os filhos a medida que forem nascendo serão entregues a pessoas encarregadas de cuidar deles, homens, mulheres, [...] juntos [...] conduzir ao lar comum os filhos dos indivíduos de elite, confiando-os a nutrizes, residentes à parte num bairro da cidade. Quanto aos filhos dos indivíduos inferiores, e mesmos os dos outros, que apresentarem alguma deformidade, escondê-los-ão em local proibido e secreto, como convém.

Entendemos aqui que só os mais fortes conseguem sobreviver e se manterem na cidade. Nesse caso, a classe de guardiões em que se institui também dentro de uma aristocracia, torna os demais habitantes da cidade, talvez escravos, os mais fracos ou não tão melhores a servi-los. Servidão essa que mostra discriminação e não igualdade e exercício de direitos, ao nosso entendimento moderno, pois Platão não era favorável a uma democracia universal. Só os nobres e ao mesmo tempo guerreiros, viris e mais fortes, poderiam manter e sustentar a cidade. Nessa perspectiva, também podemos notar que assim como não havia universalidade democrática para os homens, também não o haveria para as mulheres.

Outra questão também é quanto à maternidade, atribuição biológica feminina, cujo aumento e controle da população não se pode conceber sem a reprodução, tornando uma questão controversa e uma solução nada convencional proposta pelo autor. Segundo esse aspecto, DUBY e PERROT (1990, p.117) deixam claro estas observações:

menosprezo, tão transcultural, [...] maternidade e pelos desvelos maternos, para que ela use adequadamente sua metade feminina. [...] elas nunca representam um fim em si. [...] O desígnio é sempre cívico e coletivo. É em relação estas finalidades exclusivas, as mulheres, com o que apresentam de específico, parecem desempenhar estruturalmente o papel do obstáculo. Elas são o peso morto que é necessário reabilitar. [...] homogeneidade [...] utilidade social [...] contra a natureza das mulheres.

Sexualidade, tanto do homem quanto da mulher, para Platão, é um problema de difícil solução, um estorvo. A procriação referente às mulheres torna-se um problema para a referida formação dos guardiões da República, pois como poderiam as mulheres zelar pela cidade, combater em luta, visando a sua defesa e a da cidade, predispostas à gravidez, ou mesmo grávidas, e cuidar ao mesmo tempo de seus filhos? Verificamos aqui uma contradição à natureza feminina entre servir à cidade e dar origem à futura raça de guardiões mediante a geração. Platão encontra aqui um problema para resolver. Servir à cidade plenamente pressupõe renúncia da vida familiar. Enfraquecendo um indivíduo em meio as suas relações com a comunidade enfraquecerá os demais. Cada um deve ser visto como semelhante e todos em conjunto devem se ver em comum como seus iguais. A comunidade toda seria uma única família. Vivendo em comum com seus iguais, o matrimônio é transitório, com a única função de procriar e dar a origem à raça dos melhores homens. A coletividade está acima dos sentimentos e interesses pessoais.

A castidade, para ambos os sexos, e a reprodução em tempo apropriado é fundamental para a constituição e manutenção da cidade. Em Platão, e principalmente para a *República*, não há homossexualidade ou heterossexualidade, assim como entendemos, mas uma espécie de “monossexualidade” sacralizada, uma proposta para a correção das falhas humanas, seus desvios e consequências, naquilo que já não se pode ser único (homem), mas em que o mundo está fadado em existir em dois (homem por um lado e mulher do outro), a se unirem no que antes era apenas um.

Na *República* não há um direito subjetivo, tão pouco um conceito de subjetividade, como nós entendemos, assim como o isolamento ou a valorização de alguma forma de vida privada, o que é totalmente reprovado pelo pensamento político grego da antiguidade ou posterior. O coletivo legitima a vontade e a atividade política, tanto o homem quanto a mulher deveria sacrificar-se e dedicar-se face ao coletivo, para que toda essa comunidade humana exista e permaneça.

Privilégios são bem vistos para homenagear e honrar virtuosos guardiões, mas se diz respeito somente aos “guerreiros homens” e não às “guerreiras mulheres”, onde há possibilidade de verificar em Platão (1965, p. 21-2):

[...] distinguindo na guerra ou alhures, conceder-lhe-emos, entre outros privilégios e recompensas, maior liberdade de se unir às mulheres, de modo a haver pretexto para que a maioria dos filhos sejam por eles engendrados.

Seu plano de educação para a cidade ideal foi constituída para “guardiões” e não para “guardiãs”. A homogeneidade entre guardiães e guardiãs acaba sendo uma contradição dentro do corpo da *República*. As mulheres não possuem algo de mais específico ou características próprias como algo de maior relevância e importância. Suas únicas tarefas são seguir os homens nas tarefas que são genuinamente deles. Conforme já dissemos anteriormente, se a natureza da mulher é diferente do homem, como podem ter funções e tarefas iguais? Na *República*, elas estão aparentemente idênticas e a única oposição também aparente é a reprodução. A este respeito, DUBY e Perrot (1990, p. 95) também fazem essa observação, levando em consideração as análises anteriores que também realizamos até agora:

Igualdade de direito, promoção da mulher, reconhecimento de seu valor, de suas capacidades – as mesmas que a dos homens? [...] Sim, mas com a condição de sobrevalorizar isto mesmo, essa identidade, essa negação de alteridade, e de não ver que no interior desta identidade sobrevive impunemente a pior das diferenças, a desigualdade quantitativa, a inadequação, a inferioridade. O gênero humano passa a ser homogêneo do ponto de vista da cidade e das funções sociais que a constituem, mas no seu seio subsiste a oposição masculino/feminino, reduzido doravante à diferença entre uma maneira melhor que tem os homens e uma maneira ‘menos boa’ do que tem as mulheres de realizar cada uma das tarefas comuns aos dois sexos. Do ponto de vista conceitual, a imagem da mulher nada ganha com isso, sendo, pelo contrário, sistematicamente diminuída. [...] por causa de sua habilidade e competência na matéria... é que essa matéria se torna insignificante [...] tais competências são ridículas para os homens. [...] os homens confirmariam sem dúvida a boa qualidade do trabalho delas, são automaticamente desvalorizadas, quando poderiam demonstrar a boa qualidade do trabalho feminino. Pura discriminação sexista.

Enfim, não bastasse a explanação de sua genealogia, dos seres e do mundo, colocando a mulher em um plano de inferioridade, Platão passa a repetir as mesmas concepções nessa sua obra e sem saber onde colocar as mulheres no plano da cidade ideal, ele tentou moldá-las às virtudes masculinas.

Mas há uma ressalva a se fazer: se após o livro V da *República* nada se fala sobre a mulher como filósofa, ou chefe de estado, para negá-la, também não poderá haver refutação a respeito, o que pode incluir ambas as possibilidades. Nesse sentido, em contrapartida, Barros (1997, p. 42), acredita que:

Seja qual for a crítica que se faça às teses platônicas do Livro V da República, a verdade é que permanece inatacado o postulado segundo o qual a mulher pode, em razão de sua aptidão, ser educada para a filosofia e a política. Quando se objeta que Platão foi antinatural ao esvaziar de feminilidade os papéis da mulher, na verdade se

esquece de que a tese básica do livro V deve ser encaixada no contexto da tese geral da República: a bela vida da cidade justa. Se Platão elimina as instituições que tradicionalmente conferiam à mulher grega suas atribuições, a saber a família e o casamento monogâmico, como esperar que preservasse as funções a eles correspondentes? Naturalmente adaptou-as para outros fins, os da vida comunitária.

Percebemos que essa autora acredita genuinamente ser possível pressupor a existência de virtudes femininas e de que elas poderiam ser alcançadas pelas finalidades da *República*, ainda que seja atribuída à mulher uma virtude de valor menor do que a do homem.

Enquanto a figura feminina para Platão em termos simbólicos, rituais e alegóricos, é exaltada para o plano do espírito e plenamente admitida, para o plano da corporeidade era tanto reprimida e desprezada, quanto contraditória, por meio de uma transposição da linguagem mítica e biológica para a linguagem filosófica. Enfim, para o pensamento platônico, a mulher é em tudo inferior ao homem, ainda que melhor possa ser ou vir a ser será sempre inferior a ele

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da exposição e análise que obtivemos neste trabalho, permitiu-se algumas noções sobre a concepção do feminino no antigo pensamento helênico, por meio dessas obras das quais dispomos a observar.

Neste período a mulher helênica, pelo menos a maior parte delas, era uma espécie de objeto de propriedade privada e vivia em sujeição ao mundo masculino em estado de inferioridade e submissão psicológica, intelectual, cultural, social e cívica, encerradas no *oikos* (casa), sem participar de um mundo que não ia além dos afazeres domésticos e obrigações sociais e familiares. Raramente saíam do lar, as mulheres gregas desse período não tinham participação na vida cívica e política na cidade, tarefa que cabia somente aos homens cidadãos. Mulheres desse tempo sequer poderiam imaginar uma vida diferente dessa com outra perspectiva, cuja preparação e formação consistia em serem domesticadas ao cultivo de concepções e valores sociais e culturais próprios para o modo em que viviam.

Talvez os antigos pensadores gregos refletissem uma ontologia do feminino pela tradição ou cultura do seu tempo, poderíamos dizer por comodidade ou vício, mas o ser da mulher estava enraizado em concepções seculares para a sua própria vida aos seus modos e, sendo assim, eles não imaginavam sequer um pensamento de outra forma.

Exemplos de mulheres que viveram nesse tempo de forma diferente foram poucas exceções. Em contrapartida, as mulheres comuns, elas eram algo em parte ou totalmente diferente para o padrão social da época, algumas, apesar de controvérsias, fizeram história.

A poetiza Safo, cujo conteúdo erótico escandalizou os monges copistas medievais, citada por Platão, por ele foi considerada a décima musa, vulto literário poético de seu tempo, levou uma vida nada convencional para os padrões de sua época. Aspásia de Mileto, que Péricles, estadista helênico, tomou por sua segunda esposa, contemporânea de Sócrates, foi considerada uma exímia conhecedora da retórica e acompanhava o esposo em reuniões públicas, jantares e banquetes, ocasiões nada apropriadas para as mulheres de seu tempo. Areté de Cirene, que aprendeu filosofia com seu pai Aristipo, discípulo de Sócrates e fundador da escola cirenaica, também era exceção. Hipárquia de Maronéia, esposa do filósofo cínico Crates, abandonou a vida aristocrática e suas convenções para seguir o marido, vivendo de uma forma totalmente diferente para os padrões helênicos.

Segundo narrações posteriores, discípulas de Platão, Axiothéia de Philésia e Lantheneia de Mantinéia, de nada tinham por características a vida das “guerreiras cidadãs” da cidade ideal da República, pelo contrário, sabia-se que adotaram vestimentas masculinas e se comportavam como homens, para poder frequentar e estudar na Academia. Por observar esses poucos exemplos, ao voltar-se para o cotidiano da maioria das mulheres helênicas, elas ocuparam, na vida pública, o lugar da omissão e do silêncio. Nesse sentido, praticamente o que se fazia e dizia sobre elas é como se não soubessem que existiam. Até então, a consciência do feminino estava velada e adormecida, obscura e inexistente para o outro, o masculino. Verdade ou mito, do ser da mulher ninguém sabia, refletimos se ela poderia ter sido encontrada, pois foi falada a modo dos homens de seu tempo.

Houve sim mulheres notáveis desses tempos, mas para outras, mudanças e transformações nesse viver e refletir sobre o feminino, a partir do mundo grego no ocidente, só vieram a manifestar-se posteriormente. Sua importância e inserção no âmbito social e institucional, bem como nos diversos campos do saber, foram percebidas lentamente e, aos poucos, a mulher descobriu-se no mundo, revelou-se em seu espaço e transformou-se em sua história.

REFERÊNCIAS

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. **A Mulher Grega e Estudos Helênicos**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle. Filosofia do Gênero: Platão e Aristóteles e a diferença dos sexos. Tradução de Maria da Cruz Coelho (Org.). **História das mulheres no ocidente: A Antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p.83 a 121 e 270 a 477. v.1.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução de Arthur M. Parreira. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 559 a 567.

Mulheres na filosofia. Disponível em <http://pt.Wikipédia.org/wiki/Mulheres_na_filosofia>. Acesso em: 09 abr. 2012.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

PLATÃO. **A República**. Livros IV e V. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965. (Coleção Clássicos Garnier, v.1)

PLATÓN. **TIMEO**. O DE LA NATURALEZA. Edición Electrónica de www.philosophia.cl / Escuela de Filosofía. Universidad ARCIS. Disponível em <<http://www.philosophia.cl/biblioteca/platon/Timeo.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2012.